

A ARTE DO LUTO

Dizem que ali, entre o cheiro acre das coroas de flores e o ranger contido dos caixões deslizando lentamente, ele se sente confortável — não pela morte, mas pelo roteiro pronto que traz dobrado no bolso interno do paletó. Põe-se diante do microfone, ergue o olhar até o ponto exato indicado pelo marqueteiro, e declama palavras sobre vidas que jamais tocou. A família chora, o público aplaude, e o homem, já aliviado, percebe que sobreviveu a mais um cerimonial. Seu único trabalho real foi respirar no ritmo marcado, como um ator que domina os silêncios mais do que os verbos.

Há quem diga que a arte de encomendar luto remonta a Péricles, cuja famosa Oração Fúnebre — segundo Tucídides — talvez tenha sido, ela própria, um fantasma de tinta remexido pelo historiador. A diferença é que, na Atenas clássica, o orador ainda tinha de cravar o próprio discurso na carne da pólis; hoje, basta um assessor com habilidade para copiar fragmentos de Cícero e temperá-los com a mais recente hashtag de solidariedade. O sujeito da nossa crônica, contudo, aperfeiçoou essa delegação de sentimentos a ponto de não sentir mais o menor tremor quando a marcha fúnebre principia. São suas as cordas vocais; o resto é terceirizado.

Não que lhe falte sensibilidade. Pelo contrário: aprendeu a dosar, com régua de marcenaria, cada emoção que convém exibir. Se o falecido era um velho cacique político, ele mexe os lábios em compasso de solenidade hierática; se se trata de uma jovem influencer tragicamente ceifada, arrisca uma rima singela, um “voem livres, borboletas” rubricado por algum estagiário que ontem mesmo desconhecia a diferença entre elegia e e-girl. E, quando o protocolo exige, molha discretamente a ponta dos olhos com colírio neutro para que a câmera capte o lampejo exato da lágrima. Afinal, como anotou Walter Benjamin ao tratar da obra de arte na era da reprodutibilidade técnica, a aura perdeu a batalha para o close-up: quem controla o enquadramento controla a emoção.

Entre uma despedida e outra, coleciona likes como quem coleciona medalhas de guerra. Já não se lembra do nome da viúva agradecida, tampouco do neto que lhe apertou a mão fria junto ao jazigo. Esses detalhes ficam registrados em planilhas que alimentam relatórios de engajamento. A morte, convertida em dado, é meta a cumprir. Quando o gráfico sobe, ele sorri; quando cai, convoca a equipe para revisar os adjetivos. Seria melhor dizer “inspirador” ou “inestimável”? Acrescentar uma citação de Machado de Assis ou arriscar um versículo de Salomão? Tudo depende do algoritmo, esse moderno Oráculo de Delfos que sopra presságios em forma de porcentagem de alcance.

Certa tarde, porém, o protocolo vacilou. Na pressa, o assessor júnior esqueceu de substituir o nome-modelo pelo nome real, e o orador se viu, diante do auditório, louvando as virtudes de “Fulano de Tal” — justo quando a foto no telão mostrava uma senhora de cabelos prateados que fora professora de francês durante quarenta anos. Houve um pequeno burburinho, um pigarro ecoando, mas ele não se desconcentrou: respirou, sorriu com comissuras treinadas e improvisou um volteio retórico sobre as identidades que se dissolvem “quando abraçadas pela eternidade”. A plateia, tocada pela aparente filosofia, calou-se. Ao final, recebeu aplausos ainda mais calorosos, e a planilha de engajamento registrou um pico inesperado.

Naquela noite, ao esvaziar o bolso, encontrou o papel amassado com notas manuscritas: “mencionar prêmio, citar Camus, agradecer em nome da família”. Não recordava ter pronunciado nada disso. Pesou-lhe a sensação de ser, ele próprio, o falecido simbólico daquela cerimônia: a cada discurso fantasma, enterrava um fragmento da própria voz. Perguntou-se se, quando chegasse a sua vez — e chegaria, pois o algoritmo não poupa ninguém — algum pupilo redigiria frases vazias em homenagem ao homem que não escrevia nem as suas. Fantasiou-se dentro do caixão, ouvindo de fora uma elegia ortograficamente impecável, mas semanticamente oca, como uma concha recolhida na praia que ainda carrega o ruído do mar que já não está ali.

Foi então que decidiu experimentar uma loucura: aparecer sem script no velório seguinte. Entrou na capela, recusou o envelope com a folha A4, postou-se diante do púlpito e sustentou o silêncio. Trinta segundos que pareceram trinta eras geológicas. O murmurinho crescia; os fotógrafos ajustavam lentes; algum assessor quase desmaiou. E então, num sopro, ele disse apenas: “Desculpem-me. Não conheci a senhora, e tudo o que eu disser será ficção.” Não houve verso, nem alusão clássica, nem lágrima calculada. Houve, contudo, uma honestidade crua que fez a pele arrepiar, como no momento em que a luz se apaga no teatro e o público pressente que o ator largou o texto e resolveu falar de si.

No dia seguinte, claro, os jornais chamaram de gafe, de vexame, de crise de nervos. Os números de engajamento despencaram, e os patrocinadores, prudentemente, recuaram. Mas uma coisa curiosa aconteceu: a família da falecida enviou-lhe um cartão escrito à mão, agradecendo “por não transformar a nossa dor em copy-paste”. E no canto inferior do cartão havia um posfácio singelo: “Se precisar de ajuda para encontrar suas palavras, nós o ouviremos”.

Ele olhou a mensagem, respirou devagar e, talvez pela primeira vez em décadas, sentiu que uma frase inteira nascia dentro do peito sem intermediários. Não a anotou em lugar nenhum; guardou-a no silêncio interior onde, um dia, havia vozes alheias ditando cada sílaba. Nesse instante, compreendeu que luto não se

terceiriza, afeto não se delega, e que o elo entre vivos e mortos se escreve com a tinta do próprio sangue.